

CONTRIBUIÇÃO DO USO DE DISPOSITIVO ELETRÔNICO PARA A PRÁTICA SEGURA DE POLIMEDICAÇÃO EM IDOSOS

Gabriela Aparecida de Carvalho Fernandes¹; André Eisenhut²; Marcio Antonio de Assis³

Estudante do Curso de Enfermagem ; e-mail gabiifernandez@hotmail.com¹

Estudante do Curso de Enfermagem; e-mail deheisenhut@gmail.com²

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail assis-marcio@bol.com.br³

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde

Palavras-chave: Polimedicação, Idoso, Tecnologia, Dispositivo Eletrônico.

INTRODUÇÃO

A população de idosos no Brasil tem aumentado exponencialmente, com projeções para as próximas décadas de que o país alcance o sexto lugar no Ranking Mundial (KATZENSTEIN et al, 2012). O aumento na expectativa de vida predispõe o indivíduo a uma série de alterações estruturais e funcionais que podem desencadear o aparecimento de doenças crônico-degenerativas e gerar dificuldades em seguir planos terapêuticos, sobretudo porque há um aumento na quantidade de medicamentos a serem utilizados e nas conseqüentes dificuldades com o manuseio das prescrições, como fragmentação de horário e dose, efeitos colaterais e reações adversas. Assim, a não adesão à medicação associa-se à elevação da morbimortalidade entre os idosos portadores de doenças crônico-degenerativas (MARIN et al, 2010). Verifica-se que há meios que podem favorecer o processo terapêutico, minimizando os riscos de possíveis falhas, porém não há estudos que comprovem a eficácia destes dispositivos utilizados em população idosa. Em face da necessidade de se adotar estratégias que visem à utilização adequada de medicamentos e a adesão ao tratamento é importante identificar a aceitação e a opinião de idosos em relação à utilização de dispositivos eletrônicos para o auxílio no processo medicamentoso.

OBJETIVOS

Identificar a eficácia, aceitação e a opinião de idosos em relação à utilização de dispositivos eletrônicos para o auxílio no processo medicamentoso.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva e exploratória com abordagem quantitativa, realizada no Centro de Saúde do município de Salesópolis (SP), com uma amostra de 50 idosos de ambos os gêneros, tendo como critérios de inclusão: faixa etária a partir de 60 anos, não ser institucionalizado ou dependente para o uso de medicamentos e esta seguir tratamento polimedicamentoso. Utilizou-se um dispositivo eletrônico com a função de organização de medicamentos e aviso do tempo correto para a administração desses fármacos por meio de alarme sonoro e visual. Aplicaram-se três questionários semiestruturados, com questões abertas e fechadas, elaborados pelos pesquisadores, visando traçar o perfil sociodemográfico, conhecer a rotina e verificar a opinião dos idosos a respeito do dispositivo eletrônico. Os dados coletados foram analisados estatisticamente através do Microsoft Office Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificou-se que a média de idade entre os idosos foi de 71,9 anos, sendo a maioria (60%) do sexo feminino. Constatou-se que 40% da população amostral possuía o Ensino Fundamental Incompleto, 14% não era alfabetizada, 12% sabia ler e escrever ou tinha o Ensino Fundamental Completo, e 20% apresentava um grau de escolaridade aumentado, que variou do Ensino Médio incompleto ao Ensino Superior Completo. Witry et al. (2011) propõem que escassez de recursos financeiros é um fator determinante para o manejo inadequado do plano terapêutico; entre os idosos 72% possuíam renda variável de um a três salários mínimos, evidenciando a realidade econômica emergente do Brasil. No que tange aos membros que residem nos domicílios, comprovou-se que 76% dos pesquisados coabitam com o cônjuge, filhos ou outros familiares e 24% moram sozinhos. Witry et al. (2011) apresentam também como fator de risco para a ocorrência de problemas relacionados ao uso inadequado de medicações o fato de morar sozinho. Todavia há também a perspectiva de que ao morar com algum familiar o idoso pode ser destituído do papel de protagonista da sua terapêutica e ter sua autonomia prejudicada, o que não reduz o risco de falhas no processo. Caso o idoso não possua algum meio que facilite a administração medicamentosa, o sentimento de independência e a consequente recusa de auxílio também podem ser nocivos. Em relação à quantidade de medicamentos utilizados pelos participantes, averiguou-se uma variação de 3 a 16 fármacos, com uma média de 6,48 medicações diárias. Secoli (2010) indica que o risco de eventos adversos é de 82% quando são utilizados sete ou mais medicamentos e o uso simultâneo desses fármacos eleva o risco de interações medicamentosas graves em até 100%. Em relação à frequência de utilização, 68% dos indivíduos asseguram respeitar os intervalos. Dentre os fatores referidos que auxiliam no seguimento dos horários, apenas 8% utilizam algum dispositivo eletrônico como adjutório, confirmando o estudo de Katzenstein et al. (2012) que aponta que embora as tecnologias estejam cada vez mais presentes no dia a dia do ser humano, os idosos apresentam dificuldades em manuseá-las, em decorrência das habilidades por elas requeridas (físicas, mentais, comportamentais) e pelo fato de não terem sido socializados num contexto tecnológico avançado. O condicionamento também é um fator importante que interfere diretamente no resultado terapêutico esperado. Os idosos listaram diversos locais de condicionamento, com maior referência ao armário de cozinha (38%) e cômoda (14%). Existem alguns fatores ambientais que podem adulterar e deteriorar os fármacos, ressaltando a necessidade de condicionamento adequado que pode ser proporcionado pelo dispositivo eletrônico. Averiguou-se que 72% dos idosos têm esquecimento variante de uma vez por mês a todos os dias, o que torna o idoso suscetível a problemas na administração de medicações, segundo Sousa et al. (2011). Após a simulação do uso do dispositivo eletrônico, os pesquisados compartilharam suas percepções relativas à contribuição para o processo terapêutico a nível domiciliar. Assim, 92% julgaram o dispositivo como bom ou muito bom. Quanto à facilidade de utilização, 92% afirmaram positivamente. Tais dados convergem com a proposta do Estatuto do idoso, conforme apresentada por Tavares e Souza (2012), de promover maior interação do idoso com a vida moderna, aproximando-o das inúmeras tecnologias disponíveis, como um meio de garantir sua autonomia e empoderamento ao executar suas atividades cotidianas. Indagou-se também se o aparelho proporciona melhor adesão ao tratamento, sendo considerado que sim por 96% deles. Foram citadas diversas justificativas para essa afirmação como o melhor condicionamento e organização dos medicamentos, o alarme como adjutório à terapêutica, a facilitação da continuidade do tratamento e a melhoria na autonomia e independência. Uma característica que acompanha o dispositivo eletrônico é a identificação do momento de utilização dos medicamentos por meio de alarmes sonoro

e visual, logo foi considerado muito útil para respeitar os horários das medicações de acordo com 98% dos participantes. Conquanto 38% dos idosos afirmaram confundir os medicamentos a serem tomados no dia a dia, averiguou-se que os equívocos seriam eliminados com o uso do dispositivo para 96% deles, confirmando a eficácia que essa tecnologia proporciona para a população idosa. No tocante à funcionalidade geral do dispositivo, os participantes foram questionados se mudariam algo específico para melhorar a sua usabilidade e 78% dos idosos sugeriram alterações. Dentre estas, destacou-se a necessidade de uma luz mais forte, o aumento do número de compartimentos, a apresentação de números maiores no painel, o alarme sonoro ser apresentado mais alto e uma melhor identificação dos compartimentos.

CONCLUSÃO

Concluiu-se que o dispositivo eletrônico demonstrou-se eficaz em atender as demandas de saúde da população idosa, de fácil manipulação e bem aceito entre os senescentes. De igual modo, conhecer a opinião dos idosos foi de grande valia para conduzir o aprimoramento da tecnologia estudada. Acredita-se que o dispositivo eletrônico poderá contribuir positivamente para reduzir a morbimortalidade e a prevalência de internações e complicações derivadas do uso de medicamentos, bem como para promover qualidade de vida para a ascendente população idosa brasileira.

REFERÊNCIAS

KATZENSTEIN, T., SCHWARTZ, G., ALMEIDA, M. H. M. de. Reflexões sobre aproximação de idosos a tecnologias de informação e comunicação a partir dos arquétipos *Senex* e *Puer*. **Revista Kairós Gerontologia**, 15(3):2013-218, jun. 2012.

MARIN, M. J. S., RODRIGUES, L. C. R., DRUZIAN, S., CECÍLIO, L. C. de O. Diagnósticos de Enfermagem de Idosos que Utilizam Múltiplos Medicamentos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 44(1):47-52, 2010.

SECOLI, S. R. Polifarmácia: Interações e Reações Adversas no Uso de Medicamentos por Idosos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 63(1):136-40, 2010.

SOUSA, S. PIRES, A., CONCEIÇÃO, C., NASCIMENTO, T., GRENHA, A., BRAZ, L. Polimedicação em Doentes Idosos: Adesão à Terapêutica. **Revista Portuguesa de Clínica Geral**. 27, 176-182, 2011.

TAVARES, M. M. K., SOUZA, S. T. C. de. Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação. **CINTED-UFRGS**, 10(1):1-7, jul. 2012.

WITRY, M. J., CHANG, E. H., MORMANN, M. M., DOUCETTE, W. R., NEWLAND, B. A. Older adult perceptions of a self-reported medication risk questionnaire: A focus group study. **Innovations in pharmacy**, 2(3):1-11, 2011.